

OS TAPAJÓ *

CURT NIMUENDAJÚ

HISTÓRICO: - Quando Orellana, descendo o Amazonas, em 1542, chegou às proximidades da foz do Rio Tapajós, foi a embarcação corajosamente atacada por duas flotilhas de canoas de índios que saíram de um braço de rio. Os espanhóis rebateram o ataque, mas um dos companheiros de Orellana morreu dentro de 24 horas, ferido por uma flecha envenenada. Orellana soube que estas terras na margem direita pertenciam ao cacique Chipayo (Tapajó?). Houve ainda segundo ataque, no qual morreu o cacique; contudo Orellana preferiu continuar a viagem encostado à margem esquerda, por ser esta menos povoada.

Só em 1626 chegou ao Rio Tapajós a primeira expedição portuguesa chefiada pelo capitão Pedro Teixeira, que tratou com os índios num lugar que talvez corresponda ao atual Alter do Chão. Os costumes menos bárbaros da tribo tinham, segundo este oficial, a sua origem no tratamento com índios espanhóis, dos quais os Tapajó se teriam ramificado (Berredo: 226).

Uma tentativa feita por uma grande nau inglesa de estabelecer uma plantação de tabaco no baixo Tapajós fracassou: Os índios caíram de surpresa sobre os estrangeiros que se achavam em terra, massacrando-os e obrigando a embarcação a retirar-se imediatamente (Acuña: 251; Betsendorf: 59). O fato deve ter ocorrido pouco antes de 1631, ano em que os ingleses foram definitivamente obrigados a abandonar o Amazonas.

Em 1637 desceram dois irmãos leigos franciscanos com outro companheiro, restos da expedição fracassada de Juan de Palacios, pelo Amazonas, e, chegando os "Rapajozes", foram por estes completamente despojados, segundo Laureano de la Cruz (278), enquanto pela relação de Texeira parece evidente que foram bem recebidos.

Dois anos mais tarde (1639) foram os Tapajó subjugados pelo filho do governador do Pará, Bento Maciel Parente. D'Acuña relata a respeito disso o seguinte: Os portugueses, receando as flechas envenenadas dos Tapajó, por muito tempo tentaram debalde obter a submissão destes por meios brandos. A conquista, porém, nunca foi completa, por-

* Este trabalho, publicado em "A Província do Pará" (9-2-1949), nos foi remetido pelo Dr. Geraldo Pinheiro, de Manaus, a quem agradecemos a gentileza. (Nota da redação.)

que queriam conduzir os índios para fora das suas terras. A atitude dos Tapajó para com os portugueses, porém, tinha sido de franca amizade: eles forneceram víveres à expedição de Teixeira, quando este em 1639 voltou de Quito, e convidaram os portugueses a estabelecer-se em sua companhia. Entretanto, Bento Maciel reuniu tôdas as fôrças disponíveis em Destêrro, perto da foz do Rio Parú. Apesar da promessa, dada ao Padre Acuña, de adiar a ação até a chegada de novas ordens do governador, êle atacou os Tapajó sob o pretexto de que tinham planejado uma subversão, em verdade, porém, para extorquir-lhes escravos. Postos diante da alternativa entre o extermínio e a submissão incondicional, os Tapajó optaram pela última, entregando aos portugueses as suas terríveis flechas envenenadas. Logo Maciel mandou encurralar e guardar os desarmados, enquanto os seus aliados índios saqueavam a aldeia, violando os mulheres e filhas dos presos à vista deles. Finalmente os infelizes Tapajó prometeram, para reaver a sua liberdade, entregar aos portugueses os mil (!) escravos que estes exigiam. Mas, como os seus escravos se tivessem evadido durante o ataque dos portugueses, conseguiram ajuntar apenas duzentos, vendo-se porisso forçados a entregar seus próprios filhos como escravos para satisfazer os seus algozes (Acuña: 243).

Mais tarde, os portugueses continuaram este processo, como consta da relação dos P. P. Franciscanos Laureano de la Cruz e Juan de Quincoces do ano de 1650: Já para evitar os ultrajes impostos pelos portugueses que exigiam escravos, já para receber algum pagamento, os Tapajó indicavam qualquer tribo da vizinhança que lhes fôsse hostil como sendo os "seus escravos fugidos", ajudando os portugueses a assaltá-la e capturá-la (p. 396). Assim, os Tapajó, para evitar a sua própria escravidão, tornaram-se escravizadores.

Depois de algumas visitas breves à aldeia dos Tapajó feitas pelos Jesuitas PP. João Ribeiro e Gaspar Mesch, o P. Antônio Vieira designou para a sua conversão o P. João Felipe Betendorf em 1661. Com o pronto auxílio dos índios, este levantou uma igreja, origem da atual cidade de Santarém, traduziu o catecismo para a língua dos Tapajó e dos Urukú, deixando-nos na sua Crônica diversas informações interessantes sobre os Tapajó, infelizmente sem as mencionadas provas linguísticas.

Outra breve descrição da tribo devemos ao ouvidor Maurício de Heriarte, que um ano depois da fundação da missão viajou pelo Amazonas. Era então a aldeia dos Tapajó a mais populosa de tôdas as conhecidas.

Durante o grande levante dos Caboquena e Guanavena muitos índios abandonaram o lugar por medo dos rebeldes, sendo, porém, reconduzidos por Pedro da Costa Favella, quando este em 1664 empreendeu a sua expedição tristemente célebre contra os índios do Rio Urubu (Berredo: II, 191).

Em 1686, uma tropa de Tapajó e "Aruryucuzes", chefiada pelo capitão Orucarã, aliou-se às fôrças do Capitão-mór Hilário de Souza na guerra contra os Aroaquizes e Carapitenas.

Quando, trinta anos depois da sua fundação, o P. Betendorf tornou a visitar a missão, estava êste povoado, então muito populoso, completamente arruinado: na colina, para o pé da qual se tinha transferido a aldeia, Manuel da Mata Falcão tinha construído uma fortaleza. Os índios tinham sido carregados e ocupados em outros lugares. A igreja tinha desaparecido, e só uns cinco ou sete ranchos espalhados e abandonados ainda restavam. Betendorf mandou levantar uma capelinha de palha para nela dizer missa.

Em 1698 a missão tornou a melhorar um pouco, graças aos esforços do jesuíta P. Manuel Rabelo, que transferiu para ela novos índios trazidos das suas terras. Mas tampouco pôde pô-los a salvo das violações pelos portugueses do forte. Porisso fundou um pouco mais rio acima, na margem esquerda do Tapajós, a missão dos índios Arapiuns (Arapiyú) de nome Cumarú, hoje Vila Franca, para onde transferiu os restos da tribo Tapajó junto com Comandys, Goanacuás, Marxagoaras, Apuatiás, Arapucús, Andirágoaris (Maué do Andirá?) e outros (Moreira Pinto: I). Com isto parece que os Tapajó e Urucucú deixaram de existir como tribos.

Quando o P. Betendorf, em fins dos 90 do século XVII, concluiu a sua crônica, aquela aldeia tão populosa na foz do Tapajós, bem como as numerosas aldeias de terra a dentro, estavam completamente destruídas pela ganância dos moradores brancos. Pela última vez se encontra o nome das tribos Tapajó e Urucucu na lista das tribos indígenas do Rio Tapajós dada por Ricardo Franco de Almeida Serra, em 1779. Martius achou que em 1820 os Tapajocôs estavam completamente extintos.

NOME: Talvez o nome do "cacique" Chipayo mencionado pelo P. Carvajal seja idêntico ao da nossa tribo. Os mapas mais antigos trazem Topaio. Mais tarde aparecem formas como Topayos (P. Samuel Fritz), Rapajosos, (P. Laureano), Estrapajoses, Tapajotos e Tapajocos. Hartt (p. 14) escreve Tupaio por ser esta a pronúncia dos habitantes do lugar. Martius explica o nome Tapajocôs como "mergulhadores, os que trazem do fundo" (382), explicação esta que não me parece aceitável. O nome não tem sentido na língua geral e pertence, como tantos outros nomes geográficos ao longo do Amazonas e da costa norte do Brasil, que apresentam o final jó e yú, a uma língua hoje extinta que visivelmente dominava nessas regiões antes da expansão da língua Tupi.

HABITAT: Historicamente documentados acham-se os Tapajó somente na bôca do rio do seu nome e em Borari, hoje Alter do Chão, onde os jesuitas também fundaram uma missão, não sei bem em que ano. O P. Betendorf fala, porém, também, de muitas aldeias terra a dentro (35). Juntamente com os Tapajó mencionam as fontes de Texeyra e Orucucuzes de Heriarte. Este último os menciona tanto no Rio Tapajós, como no Amazonas, entre aquele e os Tupinambaranas (39). Talvez os Tapajó estivessem localizados na banda oriental e os Urucucú na banda ocidental da foz do Tapajós.

NÚMERO: A tribo parece ter sido muito numerosa. Já Orellana viu-se, pela densidade da população hostil na margem direita do Amazonas, obrigado a continuar a viagem ao longo da margem oposta. Acuña fala numa aldeia de mais de 500 famílias, o que corresponderia a uma população total de mais ou menos 2.500 almas. Heriarte chama a aldeia a maior de tôdas as conhecidas, podendo pôr em campo 60.000 arcos. Este último número, porém, ou representa êrro de impressão ou enorme exagêro, pois pressuporia uma população de uns 240 mil. De fato, os vestígios do povoamento antigo induzem a uma população excepcionalmente numerosa.

LÍNGUA: Nenhuma das duas tribos da foz do Tapajós fala o tupi. O P. Betendorf, quando as visitou pela primeira vez em 1661, tratou com elas com auxílio de um intérprete, do qual êle, autor de livros de língua geral, seguramente não teria tido necessidade, se os índios falassem o tupi. Depois êle traduziu o catecismo para os diversos idiomas da nova missão, "todos pelo da língua geral, um era em língua geral, um era em língua dos Tapajó, outro dos Urucucú, que comumente entendiam e com êste os ia ensinando e batizando" (168). Heriarte salienta que, ao contrário dos Tupinambaranas da língua geral, os Orucucuzes e Conduzizes (êste do lado oposto na margem esquerda do Amazonas) falavam línguas distintas. Da língua dos Tapajó só conhecemos três nomes próprios: o da tribo, o do chefe Orucurá e o do diabo (Heriarte: 36): Aura. Nenhum encontra explicação em tupi. O último lembra o "awirá" (i postpalatal) com que os Aparai designam o urubu de cabeça vermelha (*Cathartes aura* Linn.), e é notavel que também o nome do urubu de cabeça preta (*Cathartes fostens*) em Aparai: "kurumu", se encontre na região como nome de uma serra nas vizinhanças da bôca do Trombetas. Segundo de Goeje êsses dois nomes entre os índios Wayana designam personagens míticos. Verdade é que a grande maioria dos nomes locais indígenas da região pertence à língua geral, que até hoje em Alter do Chão não está completamente extinta. Outros, porém, pertencem sem dúvida a línguas não tupi, entre êles alguns que se explicam por línguas karibe.

CARÁTER: Os Tapajó eram uma tribo bastante aguerrida, respeitada pelos vizinhos e a princípio também pelos portugueses. Corajosamente atacaram os primeiros brancos que invadiram, debaixo do mando de Orellana, os seus domínios. Acuña chama-os "gente de brio". Para com os portugueses êles se mostravam amigos e confiantes (Acuña: 248).

ORGANIZAÇÃO SOCIAL: Segundo Heriarte (38) os Tapajó se dividiam em "ranchos" de 20 a 30 famílias. Cada rancho tinha um chefe, e todos um chefe geral, de grande autoridade. Betendorf fala em 5 chefes das diversas tribos que o receberam em 1661. Infelizmente o termo "rancho" não é suficiente para esclarecer a organização, pois pode referir-se a simples casas coletivas e também a bandos locais. Texey-

ra fala de uma casa muito grande de madeira lavrada em que os Tapajó em 1637 receberam os dois Franciscanos.

A escravidão existia provàvelmente já antes que os portugueses forcassem os Tapajó à caça de escravos.

Interessante é a existência de uma classe nobre, como o provam certas passagens de Betendorf. "Era Maria Moacara, diz êle (p. 172), princeza desde os seus antepassados, de todos os Tapajó, e chamava-se Moacara, quer dizer, fidalga grande, porque costumam os índios além de seus príncipes escolher uma mulher de maior nobreza, à qual consultam em tudo como um oráculo, seguindo-a em seu parecer". A mãe desta Maria Moacara viu-se obrigada a permanecer viuva "porque não se achava outro que lhe fôsse igual em nobreza", o que, entretanto, não a impediu de ter um amante. Betendorf dá a êstes nobres o título de "cavaleiros", distinguindo-os expressamente dos chefes (p. 261). Em guarani mboçacá significa "estimado".

CASAMENTO: Segundo o P. Betendorf, viviam os Tapajó em poligamia, punindo o adultério por parte da mulher com o afogamento da culpada no rio.

TRATAMENTO DOS MORTOS: Os mortos eram colocados em suas redes, com todos os haveres a seus pés, e "na cabeça a figura do diabo feito a seu modo, lavrado de agulha como meia, e assim os põem em suas casas que têm feitas só para êles, onde estão a mirrar e a consumir a carne; e os ossos moídos os botam em vinho, e seus parentes e mais povos o bebem" (Heriarte, p. 37). Os Tapajó conheciam, pois, algum processo e mumificação, como os antigos Maué, seus vizinhos (Martius: 404).

RELIGIÃO: Grande foi a indignação dos missionários jesuitas, quando observaram que os cadáveres mumificados dos chefes eram objeto de culto especial. Betendorf fala de um cadáver mirrado que êles há longos anos veneravam como o seu Monhangarypy (criador do princípio; Betendorf traduz: primeiro pai), honrando-o com danças e ofertas. Estava colocado numa caixa debaixo da cumieira de uma casa. O missionário P. Antônio Ferreira, que chegou ao Tapajós em 1682, mandou uma noite incendiar essa casa, destruindo o santuário da tribo. Os índios, se bem que profundamente ofendidos, conservaram-se quietos, de medo dos cristãos que aprovaram a ação do missionário (Betendorf: 353).

O P. João Daniel relata (p. 478), sem citar nem o ano nem o nome do missionário, que existiam sete múmias dos antepassados guardadas numa casa escondida no fundo da mata e sòmente conhecida dos anciães. "Em certo dia do ano ajuntaram-se os velhos com muito segrêdo, e de companhia iam fazer-lhe alguma romagem, e vestiam de novo breta-nha ou algum outro pano, que cada um tinha." Na mesma casa achavam-se cinco "pedras", igualmente objeto de veneração. "As pedras tôdas tinham a sua dedicação e denominação, com alguma figura que denotava para que serviam. Uma era a que presidia aos casamentos....,

outra a quem imploravam o bom sucesso dos partos; e assim as mais tinham tôdas as suas presidências e seus especiais cultos na adoração daqueles idólatras. . . Desenganado então o Missionário da sua pouca Religião e muita idolatria, à sua vista e em praça pública mandou queimar êstes seus ídolos ou sete corpos mirrados, cujas cinzas juntamente com as pedras mandou deitar no meio do rio. . .” Heriarte (p. 36) fala dos ídolos pintados das tribos do Tapajós, aos quais se oferecia tributo de milho e sementes. Na noite de quinta-feira (?) fabricavam-se dessas ofertas bebidas; depois faziam soar na praça atrás da aldeia trombetas e atabales tristes e funestos, até que se manifestava um terremoto, ameaçando derrubar árvores e montes. Vinha então o Diabo e entrava num “corro” levantando para êle. Rematava-se a festa com cantigas e danças gerais. Betendorf também menciona êsse “terreiro do diabo”: Era na mata e conservado muito limpo. Para as danças, as mulheres levavam bebidas para lá. Depois se acocoravam, cobrindo os olhos com as mãos para não ver. (Nota: Veja-se a posição das cariátides em certos vasos sacrais!), “então falando alguns dos feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta era a fala do Diabo que lhes punha na cabeça tudo o que queriam”. O missionário proibiu aos índios essas reuniões e quando apesar disto tornaram a preparar o terreiro, mandou quebrar os vasos com as bebidas por um português. Existia ainda outro terreiro dentro da mesma aldeia chamado de Mafoma pelos brancos, que o missionário interditou da mesma maneira (Betendorf: 170).

TRAJE: A julgar pelas representações cerâmicas, ambos os sexos andavam completamente nus. Usavam o cabelo cortado e repartido ao meio, atado sôbre a testa com uma faixa cujas pontas se cruzavam atrás. Também se encontram representações de homens e mulheres com os cabelos em duas tranças caindo pelas costas. Frequentemente se vêem diademas e coroas mais complicadas. Nos lóbulos das orelhas usavam rodellas de mediana dimensão, talvez de uma polegada, mais ou menos. Ligas nos tornozelos são comuns, pulseiras e peitorais mais raros.

ALIMENTAÇÃO: Quando a expedição de Pedro Teixeira visitou os Tapajó em 1639, os índios lhe forneceram galinhas, patos, peixes e frutas (Acuña: 248). Segundo Teixeira, êles ofereceram aos Franciscanos em 1637 peixe e beijus. O P. Betendorf às vezes se queixa da má qualidade da farinha dos Tapajó. Já fizemos menção das suas bebidas alcoólicas.

INDÚSTRIA: Os Tapajó dormiam em rêdes e negociavam com elas (Betendorf: 172; Heriarte: 37; Acuña: 248). Segundo Heriarte, as tribos do Rio Tapajós fabricavam louças finas para a venda. Como outros artigos de comércio, cita madeiras, urucu e “buraquitas” (muirakitãs) e “comumente se diz que estas pedras se lavram, neste rio dos Tapajós, de um barro verde que se cria debaixo da água, e debaixo dela fazem contas redondas da casa de recepção, eram assentos, pássaros, rãs e outras figuras; e, tirando o feito debaixo dágua, ao ar, se endurece o tal

barro de tal maneira que fica convertido em duríssima pedra verde: e é o melhor contrato destes índios e deles mui estimado". As rêdes, segundo Texeyra, eram feitas "de palmito, labradas con diferentes colores". O mesmo autor menciona que as madeiras lavradas da casa de recepção eram "colgadas con mantas de algodon entretejidas en ellas hilos de diversas colores". O P. Samuel Fritz cita os Tapajó como hábeis trançadores de pequenos e chatos cestos de folha de palmeira, tingidos de diversas côres.

ARMAS: Os Tapajó eram célebres e temidos pelas suas flechas envenenadas. Correndo sangue, o ferido estava irremediavelmente perdido (Acuña: 248; Heriarte: 35). Gaspar de Soria, da expedição de Orellana, morreu de uma flechada dentro de 24 horas. O veneno, portanto, não pode ter sido curare.

As flechas de peixe dos atuais descendentes dos Tapajó, civilizados, distinguem-se por uma emplumação radial bem feita e bonita. As penas são curtas e aparadas, a amarração de fio de algodão do lado do recorte da flecha produz o efeito de ornamento. O arco é chato do lado da corda e fortemente convexo do lado de fora. Que os antigos Tapajó sabiam aplicar veneno em comida para desfazer-se de pessoas prejudiciais resulta de diversas passagens de Betendorf (p. 173, 341).

Os crânios dos inimigos mortos eram guardados como troféus, segundo Texeyra.

MORADAS ANTIGAS: Em 1870-1871, o prof. C. F. Hartt estudou a geologia do Rio Tapajós. Tanto êle como o seu companheiro H. H. Smith, que voltou ao Tapajós em 1874, reconheceram as "terras pretas" da beira do planalto ao sul de Santarém como antigas moradas de índios. Bastante estranho é que nem um nem outro tivesse conhecimento da maior terra preta de tôda a zona: a de Santarém-Aldeia, pois Smith afirma expressamente: "Poucas antiguidades tem se encontrado perto de Santarém, porém não há por lá terra preta e nem evidência de alguma aldeia extensa." Dos tempos de Hartt data a "Coleção Rhome", existente no Museu Nacional. Para estudo acurado da cultura tapajó êste material não é suficiente.

De 1923 a 1926 eu determinei 65 moradas antigas de índios em Santarém, ao sul desta cidade, na região de Alter do Chão e de Samahuma, no Arapixuna na margem meridional do Lago Grande de Vila Franca, na margem direita do Amazonas, entre a bôca daquele lago e a do Arapixuna, tôdas da cultura Tapajó. Contudo acredito que êsse número não represente ainda a metade sequer das jazidas daquela cultura existentes na região.

Com exceção das estações de pescaria, na margem setentrional do Lago Grande e na ilha do Taperebã, ainda cobertas pela enchente quando por lá passei, tôdas essas moradas antigas se acham em terra firme, ao abrigo da enchente, e a maioria até no alto das colinas ou do planalto.

Não existem terras pretas nem outros vestígios de índios na faixa da largura de uma légua que se estende entre a margem do Amazonas

e o pé do planalto, ao sul de Santarém. É zona árida, arenosa e coberta de cerrado. Assim, porém, que se chega ao planalto, começam na beira dele as terras pretas. Verifiquei isto em cinco pontos diversos.

Na margem sul do Lago Grande quase não existe ponta de morro que avance até a beira do lago que não tenha a sua terra preta. Muitas outras, que por falta de tempo não visitei, se encontram sobre as margens das enseadas profundas desse lago.

As terras pretas do planalto acham-se longe de qualquer água corrente. Os índios remediavam esse defeito cavando poços que, com poucos melhoramentos, até hoje fornecem água à população néo-brasileira. No poço do Marajó, situado no fundo de uma baixa ao pé da terra preta, vê-se distintamente a antiga escavação cilíndrica dos índios, tendo 2 metros de diâmetro e igual profundidade, e feito sobre ela a escavação quadrada dos atuais moradores. Na terra preta do Açusal, os índios, cavando o poço, deram com uma camada inclinada de argila branca, extremamente dura, que provavelmente não conseguiram vencer com os utensílios que possuíam. Cavaram então lateralmente, segundo o declive da camada dura até alcançarem a profundidade necessária. Eu mesmo vi cinco desses poços indígenas, mas o número existente é muito maior.

Outro característico das terras pretas do planalto são as antigas estradas dos índios, que correm, quase em linha reta, de uma terra preta a outra, com a largura de um metro a metro e meio, e a profundidade de uns 30 centímetros. Grossas árvores seculares crescem hoje pelo meio delas; contudo são ainda tão bem visíveis, chamando logo a atenção do investigador. Às vezes, elas se ramificam a meio caminho, e perto já de terras pretas desaparecem.

A superfície destas últimas em geral não é plana, mas composta de certo número de convexidades de alguns metros de diâmetro cada uma, representando, provavelmente, outros tantos lugares de casas. Só conheço duas terras pretas que começam imediatamente na marca da enchente da beira do rio: a de Alter do Chão e a de Santarém-Aldeia. Esta última é sem comparação a mais importante e a que forneceu material mais numeroso e sobretudo qualitativamente superior ao de todas as outras juntas. A sua espessura é, em alguns pontos, de quase metro e meio. Sobre ela está construída grande parte da atual cidade de Santarém, especialmente o bairro chamado Aldeia, isto é, a Rua da Alegria e as travessas dela. Sobretudo nestas últimas, que apresentam forte declive para o lado do Tapajós, as enchurradas abrem frequentemente sulcos profundos, nos quais se encontravam por toda parte os restos da cerâmica antiga. Considerando que há 200 anos pedestres, animais e veículos diariamente esmagam o que na superfície aparece, é admirável que se encontre ainda material relativamente bom. O achadouro mais importante do planalto é a terra preta de Lavras, onde existe tal quantidade de cacos de barro que dificulta a lavoura. Mas a grande maioria provém de peças lisas e os ornamentados são, como em toda parte, em número muito inferior. As terras pretas do Lago Grande, por serem geralmente de espessura diminuta, oferecem quase só fragmentos miudos, raras vezes

dignos de serem colecionados. Estranhamente escasso é também o material de Alter do Chão, antigo centro dos Tapajó. Um achadouro de certa importância, porém, parece existir em Aramanaí, pouco acima de Samauma.

PONTOS DE CONTACTO: Nenhum estilo cerâmico em território brasileiro apresenta tantos elementos em comum com os estilos da parte meridional da América Central (Chiriqui, Darién) como o dos Tapajó. Tais são cariátides assentadas sobre um pé anular, os vasos tripodes, as figurinhas sentadas, os olhos em forma de o e de —, o motivo "mão no rosto", rãs subindo pela parede exterior do vaso, etc. O caminho pelo qual chegou êsse conjunto de elementos até a foz do Tapajós ainda não foi determinado devido à grande falta de material das regiões intermediárias. Parece, porém, que não foi a via pela costa e Amazonas acima, porque na região da foz dêste rio falta a maioria daqueles elementos.

Como geralmente nos estilos amazônicos, existem no dos Tapajó certos elementos que o ligam aos "mounds" do baixo Mississippi e seus afluentes. Segundo H. C. Palmaraty, êsses elementos são em número de 18 a 20 (carta particular), dos quais os mais importantes se encontram também na camada de cultura superior das três em que foram determinadas no norte da Venezuela.

Belem do Pará, 12 de abril de 1939.

BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA

- 1 S. Linné e G. Montell: Fran Brasiliens, Indianer i Forntid oc Nutid. C. Nimuendajú Archeologiska och Etnografiska Forskingar — Etnografiska Avdelningen, Göteborgs Museum — Göteborg, 1925.
- 2 Sigvald Linné — Les recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil. Journ. de la Soc. des Américanistes de Paris. XX. Paris, 1928.
- 3 Erland Nordenskiöld: Ars Americana. I. L'Archéologie du Bassin de L'Amazone — Paris: 1930.
- 4 J. Alden Mason: Collections from Santarem. Bull. Penns. Univ. December 1935 (Fotos e descrição de alguma cerâmica de Santarém, Brasil).
- 5 Helen Constance Palmatary: The ceramic art of the Tapajós Indians and its relation to pottery designs in cultures to the north. A thesis in Anthropology. Presented to the Faculty of the Graduate School of the University of Pennsylvania in partial fulfilment of the requirements for the degree of Master of Arts 1936. (Manuscrito.)
- 6 - Curt Nimuendajú: Os Tapajó. Belém, 1938. (Manuscrito.)

